

A Escrita no Deserto: Narrativas Jesuíticas em Território Guarani.

Paulo Rogério Melo de Oliveira
Professor de História da UNIVALI e UDESC

Ao longo da experiência missioneira, na Província Jesuítica do Paraguai, uma extensa documentação composta de cartas e crônicas produzida pelos jesuítas,¹ descreveu em pormenores, aspectos do cotidiano da convivência entre *Índios* e padres durante a catequização das populações Guarani. Surpreende-nos a riqueza de detalhes sobre a situação das reduções, as descrições geográficas e as informações demográficas, o incessante trabalho dos padres para combater os costumes indígenas, os conflitos com os pajés, os combates contra os demônios e seus vassalos, enfim, todo um repertório de informações sobre o universo material e simbólico que envolveu a atividade missioneira no Paraguai.

As cartas e crônicas jesuíticas são as principais fontes de acesso para adentrarmos no universo missioneiro e no cotidiano das reduções. Desde o século XVII esses registros vêm sendo utilizados por cronistas, historiadores, antropólogos, simpatizantes ou adversários da Companhia de Jesus, ou para louvar e glorificar os trabalhos apostólicos ou para denunciar o regime jesuítico nas reduções e a violência cultural da catequização. Afastando-se dessa polêmica, alguns estudos mais recentes tem procurado focar as estratégias jesuíticas de conversão e o modo como as culturas indígenas se relacionavam e interpretavam o que lhes era transmitido, os hibridismos culturais resultantes do *encontro* cultural, o cotidiano das reduções e o imaginário missioneiro. Nesses novos estudos, a exploração da documentação em foco é cercada de alguns cuidados metodológicos antes desconsiderados. Não podemos ignorar que o registro escrito das atividades dos jesuítas, as cartas, não ficava ao sabor do estilo pessoal e da subjetividade de quem escrevia. Era uma exigência institucional que obedecia a um conjunto de regras e práticas discursivas definidas pelos superiores e pelas formas retóricas do início da modernidade, e uma periodicidade regulada pelas normas gerais que regiam a atividade dos jesuítas.

Desconsiderar esses imperativos institucionais que regulavam a elaboração das cartas é perder de vista o contexto narrativo em que se articulavam as informações.

Desde 1609, tudo o que se passava nas reduções era minuciosamente descrito em longas cartas redigidas sistematicamente pelo Padre Provincial e enviado ao Padre Geral em Roma. Esse registro da ação dos padres, dos avanços e das dificuldades encontradas nas frentes de evangelização era uma exigência da Companhia de Jesus, e constituía a *base de um sistema de informações que envolvia toda uma estrutura de registros, copistas, envios, arquivos, em função de assegurar a comunicação e fornecer ao superior geral e outros superiores os elementos para suas decisões naquele delicado equilíbrio entre o centralismo e a autonomia, o alto e o baixo que constituiu a Companhia de Jesus.*²

Algumas cartas foram redigidas em latim e outras em castelhano, ou então traduzidas do castelhano para o latim, a fim de superar as barreiras lingüísticas, e eram enviadas por duas vias marítimas diferentes para, em caso de naufrágio, se conservar ao menos um exemplar.³ Todo este cuidado e empenho para fazer com que as cartas chegassem ao seu destinatário, é revelador da importância desse registro minucioso das atividades dos Jesuítas em terras distantes para a Companhia.

As primeiras cartas, de 1609 a 1617, eram escritas anualmente, daí o nome *ânuas*, mas as circunstâncias e as dificuldades, os assaltos bandeirantes às reduções, foram alterando a periodicidade e o envio das cartas passou a ser bianual e depois trianual. A redação das cartas era de responsabilidade do Padre Provincial, que tomava por base para o seu texto, além do que havia testemunhado, as informações locais enviadas pelos padres das Residências, Colégios e Missões.⁴

Portanto, qualquer estudo sobre a ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola em 1540, e o seu papel na expansão da cultura européia, do catolicismo reformado e da atividade missionária dos jesuítas entre os séculos XVI e XVIII, deve considerar que a Companhia de Jesus era uma ordem de letrados que nasceu e se espalhou por quatro continentes sob o domínio da escrita.⁵

Sustentou-se por muito tempo, e com persistência, uma imagem da Companhia como uma ordem caracterizada por uma férrea disciplina militar, composta por *soldados* submetidos a uma dura hierarquia e as ordens de um comando superior. A esta imagem estritamente militar da ordem jesuítica se opõe uma outra mais recente que entende a Companhia, desde as suas origens, como uma associação de estudantes esclarecidos, depois mestres e doutores, que tinha nas letras a força da sua coesão e expansão.⁶

Desde a fundação da Companhia em 1539, os primeiros jesuítas⁷ sempre “valorizavam os aspectos relacionados com as letras, o que compreendia escrever e ler em vernáculo e em latim, ter conhecimentos de outras línguas e de textos existentes em grego e latim.”⁸ E havia mesmo nas disposições dos princípios gerais da Companhia um impedimento, para quem desejasse entrar para a ordem, relacionado a falta de letras ou dificuldade em aprendê-las. Na primeira parte das *Constituições da Companhia de Jesus* encontramos o seguinte impedimento para a admissão na ordem:

*Falta de instrução ou de aptidão, de inteligência e de memória para a adquirir, ou falta de expressão pra ensinar, em pessoas que manifestam a intenção ou desejo de ir mais longe do que vão habitualmente os coadjutores temporais.*⁹

Para uma instituição que se estruturou sob o signo escrita e a elegeu como instrumento fundamental de comunicação, era essencial que seus membros dominassem as letras. Nos documentos fundantes e normatizantes da Companhia,¹⁰ e na extensa correspondência dos *primeiros companheiros*, encontramos um inconfundível apelo às letras e à comunicação escrita.

A troca regular de correspondências, exigida por Inácio de Loyola, foi uma prática desenvolvida pela ordem desde os primeiros anos de fundação. Na oitava parte das *Constituições*, que trata dos *meios de unir com a cabeça e entre si aqueles que estão dispersos*, Inácio aponta a importância da correspondência epistolar entre súditos e Superiores *com o intercâmbio freqüente de informações entre uns e outros, e*

o conhecimento das notícias e comunicações vindas de diversas partes. Visando, portanto, a *união dos espíritos* e o governo da Companhia, o texto iniciano estabelece as normas reguladoras da atividade epistolar:

Para que as notícias da Companhia possam comunicar-se a todos, proceder-se-á da seguinte maneira: os que em diversas casas ou colégios dependem do Provincial escreverão todos os quatro meses uma carta em língua vernácula, que contenha só notícias de edificação, e outra em latim do mesmo teor. Enviarão uma e outra em duplicado ao Provincial. Este mandará ao Geral um dos exemplares em latim e outro em vernáculo, a juntando uma carta sua a contar os fatos importantes ou edificantes omitidos nas primeiras. Do mesmo modo exemplar tirará tantas cópias quantas forem necessárias para dar conhecimento delas aos outros membros da Província.¹¹

Espalhados por vários países da Europa, e posteriormente pelo mundo, a comunicação escrita entre os irmãos era fundamental para manter a *união dos ânimos em torno da procura da vontade de Deus*. Através dessa correspondência epistolar, os padres prestavam contas de suas atividades e pediam ajuda para melhor desempenhar seus trabalhos. Essas informações eram indispensáveis para a supervisão geral e para as decisões a serem tomadas pelos superiores da ordem relativas ao envio de novos padres às frentes de evangelização, nomeação de superiores, abertura de novas residências e busca de recursos.¹² Foi o Padre Polanco quem, seguindo as instruções de Loyola, começou escrevendo cartas circulares regularmente para todos os membros da ordem, sintetizando as atividades dos jesuítas dispersos ao redor do mundo. Polanco recebia em Roma as informações desses jesuítas, resumia o que parecia mais importante, e as repassava para o conjunto da ordem. Nestas circulares, relatava-se os trabalhos dos padres nas frentes de evangelização, os problemas enfrentados e como lidavam com eles.¹³

Em 1547, Polanco, como secretário da Companhia, escrevia uma carta circular para todos os membros da ordem explicando os motivos pelos quais deveriam manter uma correspondência regular. Primeiro, porque as cartas contribuíam para manter a coesão interna da Companhia, a união dos irmãos e ajudava no governo da ordem. Segundo, a redação das cartas daria publicidade externa aos trabalhos da ordem, atrairia novos membros e permitiria que as notícias dos trabalhos dos irmãos

despertasse o interesse de ajudar e contribuir de alguma maneira. Terceiro, a escritura das cartas “ promovia o bem privado do correspondente, pois o conhecimento das atividades dos outros membros tornava a vocação mais sólida e o ministério mais humilde e diligente.”¹⁴

Para atender a estas expectativas, a instituição epistolar jesuítica estabeleceu o que deveria ser comunicado nas cartas, e como deveria ser feito. Como as cartas não seriam lidas apenas pelos superiores e demais irmãos da ordem, mas tentariam atingir também um público externo, procurou-se distinguir que informações seriam de uso interno da Companhia e que informações poderiam ser partilhadas com o público externo. Assim, a carta passou a ser composta de duas partes: a carta principal ou edificante e a *hijuela*.

A *hijuela*, instituída em 1541 por Inácio de Loyola, era endereçada ao superior hierárquico e circulava em âmbito estritamente institucional. Nessas cartas eram tratados os assuntos internos à ordem, que interessariam mais ao governo da Companhia do que ao público externo: doenças, ajuda financeira para construção de casas e igrejas, número de jesuítas numa determinada região (...). Através desses relatos a *hierarquia jesuítica mantinha-se permanentemente informada sobre tudo que acontecia com os jesuítas espelhados pelo mundo. Essa supervisão constante da atividade dos irmãos permitia, por um lado, que os superiores avaliassem o êxito das missões e planejassem sua organização e expansão. Por outro, a necessidade de comunicação constante com a Europa forçava os jesuítas a prestarem contas de suas práticas e a monitorarem as atividades dos outros irmãos.*¹⁵

As cartas edificantes, por sua vez, eram aquelas que continham informações que podiam circular fora da instituição. Ao invés das demandas institucionais, narrava-se nessas cartas os avanços e sucessos do empreendimento missionário. Se as *hijuelas* eram endereçadas à hierarquia da Companhia, e veiculavam notícias, pedidos de ajuda e conselhos, e tinham circulação muito restrita, os relatos edificantes eram lidos nas cortes, na Cúria Papal e nas casas dos jesuítas.¹⁶ As ânuas edificantes do

Paraguai estão povoadas de histórias de batismos bem sucedidos, conversões de caciques e pajés recalcitrantes e inimigos dos jesuítas, da superação das dificuldades enfrentadas pelos padres, da vitória da fé sobre os costumes indígenas, de Deus sobre o Diabo, etc. O próprio sentido da palavra edificante traduz bem o ideal evangélico dos jesuítas, “já que nas colônias nada era digno de ser mantido.”¹⁷

Visava-se, com isso, como nos diz Ernesto Maeder “utilizar las noticias de los trabajos y dificultades de los otros jesuítas como instrumento para despertar el entusiasmo de los jóvenes y atraer-los a la orden religiosa que presentaba tales ejemplos (ahora la llamaríamos propaganda vocacional).” E também despertar o interesse dos “amigos y bienhechores de la Compañía, a los cuales se lês hacía participantes de esas mismas noticias para estimularlos en su vida espiritual y para confirmarlos en su benevolencia con la Compañía.”¹⁸

Os jesuítas possuíam, portanto, uma aguda consciência narrativa. Sabiam o que tinham que narrar, como narrar e a que público leitor suas cartas se destinavam. O que estava em jogo nestas cartas era a imagem da Companhia nas esferas influentes da Europa letrada, a legitimação das atividades missionárias, a busca de novas adesões e da solidificação das velhas alianças e a coesão interna da ordem.

Na carta ânua de 1637-39, redigida pelo Padre Provincial Francisco Zurbano da Redução de los Santos Reyes de Yapeyú, e enviada ao Padre Geral em Roma e aos Padres Assistentes na França e Alemanha, encontramos um típico relato edificante sobre a conversão de um *inimigo de Cristo*:

Como es su costumbre, vinieron algunos de ellos a comerciar. Era en la novena de la fiesta de San Ignacio. Uno de ellos llegó enfermo, y cuando los demás salieron de su embarcación, él sólo quedó adentro, no queriendo de ninguna manera irse al pueblo, o imposibilitado por su enfermedad, o por aversión a la religión. Sus compañeros, empero dijeron a uno de nuestros Padres que había quedado uno en la embarcación. Providencia de Dios era esto, por que en su superstición niegan ordinariamente la presencia de un enfermo, y hasta lo esconden. Manda el Padre traer el enfermo al pueblo. Enojose este porque sus compañeros le habían hecho traición. Levado al fin al pueblo le habló el Padre con cariño por medio de un intérprete, queriendo prepararlo para el bautismo. De ninguna manera se lo pudo persuadir el enfermo, aunque dos días trabajó en esto el Padre. Mientras tanto había llegado le ran fiesta de San Ignacio. Confiando a

la intercesión del glorioso Patriarca volvió el Padre a la carga, amenazando al enfermo con las llamas del infierno, y le describió la compañía de los diablos en aquellos calabozos.¹⁹

Por otra parte también le habló del cielo, a cuya felicidad podía llegar, haciéndose cristiano. Le habló de los ángeles y su familiaridad con los hombres, que dura por una eternidad, con los cuales gozaría él también, abjurando de la comunicación con los demonios.

Parte por estas palabras apostólicas, parte por la ilustración de la gracia divina, al fin capituló el charrúa y se entregó a Cristo. Con corazón dócil escuchó la instrucción catequística, impresionándole, con la divina gracia, los tormentos del infierno, y el premio de la eterna gloria. Después de suficientemente instruido, y recibido el bautismo, acabó esta vida fugaz, para vivir con Dios para siempre.²⁰

Nessas narrativas edificantes lidas por um público composto de jesuítas, religiosos e leigos, construía-se uma imagem heróica e bem sucedida da Companhia

Não foram poucos os jesuítas que tiveram suas vidas mudadas ao tomarem conhecimento dessas cartas. Jerônimo Nadal, um dos jesuítas mais importantes da ordem e homem de confiança de Loyola, depois de recusar o convite para fazer da Companhia, começou a reconsiderar e de fato se decidiu a fazer parte do grupo depois de ler uma carta que o Padre Xavier enviou da Índia sobre os trabalhos missionários no extremo oriente.

NOTAS:

¹ A documentação jesuítica problematizada neste trabalho, são as Cartas Ânua redigidas entre 1609 e 1675 e as chamadas Crônicas Jesuíticas, como *A Conquista Espiritual* do Pe. Rui dez Montoya e as *Viagens às Missões e trabalhos apostólicos* do Pe. Sepp.

² TORRES-LONDOÑO, Fernando. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humaitá Publicações, vol.22, nº43, 2002. p. 21.

³ Ver LEONHARDT, P. Carlos. *Documentos para a historia Argentina*. Tomo XIX. Iglesia. Cartas Ânua de la Provincia dela Paraguay, Chile e Tucumán, de la Compañia de Jesus (1609-1614). Buenos Aires: Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, 1927.

⁴ MAEDER, Ernesto. *Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1641-1643)*. Resistência, Chaco: Instituto de Investigaciones Geohistoricas/ Conicet, 1996.

⁵ Sobre a importância da escrita na Companhia de Jesus ver TORRES-LONDOÑO, Fernando. Op. Cit.

⁶ Ver LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas*. 1. Os conquistadores. Porto Alegre: LPM, 1994. O'MALLEY, John W. *Os primeiros jesuítas*. São Leopoldo: Editora da UNISINOS; Bauru: EDUSC, 2004.

⁷ O grupo de *companheiros*, como são chamados os primeiros jesuítas que se uniram a Inácio de Loyola era formado por Francisco Xavier, Diego Laínez, Pedro Favre, Alfonso Samerón, Simão Rodrigues, Nicolau Bobadilha, Cláudio Jay, Paschese Bröet e João Codure.

⁸ TORRES-LONDOÑO, Fernando. Op. Cit. p. 16.

⁹ Inácio de Loyola. *Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p.85.

¹⁰ Os documentos fundantes da Companhia de Jesus são: os Exercícios Espirituais, a Fórmula do Instituto, as Constituições, a Autobiografia de Inácio de Loyola e a Correspondência Epistolar.

¹¹ Inácio de Loyola. Op. Cit, p. 192.

¹² TORRES-LONDOÑO. Op. Cit. pp. 17-18.

¹³ O'MALLEY, John. Op. cit. p. 29.

¹³ Ver EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. pp. 49-50. Ver também O'MALLEY, John W. Op. Cit. Segundo O'MALLEY, Juan de Polanco, como secretário da Companhia, começou a prática de escrever uma carta circular a todos os membros várias vezes ao ano, *na qual resumia as atividades mais importantes dos jesuítas ao redor do mundo, segundo os relatos da vasta correspondência recebida deles em Roma*.

¹⁵ EISENBERG, José. Op. Cit. pp. 56-57.

¹⁶ Idem. p. 57.

¹⁷ LONDOÑO-TORRES, Fernando. Op. Cit. p. 31.

¹⁸ MAEDER, Ernesto. Op. Cit. p. 15.

¹⁹ *Cartas Ánuas de la Provincia del Paraguay – 1637 a 1639*. Pe Francisco Lupercio de Zurbano. Buenos Aires: FECIC, 1984. p. 136. MAEDER, Ernesto. Introdução e notas. p. 136.